

# A crise da água em contexto de conflito armado: o caso da República Centro-Africana

Capalo Gabriel Katumbi

Estudante de doutoramento em Geografia,  
Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho  
captumbi@gmail.com

A República Centro-Africana (RCA) é um país localizado no centro do continente africano, com 622 984 km<sup>2</sup>, ou seja, é um pouco maior do que França. Sem saída para o mar, o país é dominado por savanas, cada vez mais secas quanto mais para norte, quase até ao limite da região do Sahel. A maior parte do país caracteriza-se por ser uma zona tropical húmida, sendo que o norte do país é uma zona tropical com estações secas. Com grande parte de infraestruturas e equipamentos que remontam à era colonial, e com seis décadas de independência, a República Centro-Africana é um dos países do Sul Global que tem estado mergulhado em crises profundas, com instabilidade política e problemas socioeconómicos. Neste breve texto explora-se a situação geopolítica da RCA, e discutem-se, de forma preliminar, as dificuldades de acesso a água potável, neste contexto de violência, instabilidade e confrontos político-militares.

Desde que a República Centro-Africana se tornou independente, libertando-se da ocupação colonial francesa em 1960, a estabilidade política nunca foi duradoura. Os reiterados golpes de Estado, os conflitos étnicos, tribais e religiosos, quase sempre estiveram entre as principais causas que têm inviabilizado a construção de um Estado-nação estável e funcional (Siradag, 2016; Weber & Kaim, 2014). Com 80 grupos étnicos distintos, entre muçulmanos e cristãos, atualmente o país conta com cerca de 14 grupos rebeldes que emergem progressivamente, talvez como consequência da mescla de má governação, corrupção e discriminação (Siradag, 2016), e, sobretudo das desigualdades sociais. Os principais atores políticos e/ou elites daquele país, e as suas ações, contribuíram decisivamente para o estado da situação que hoje conhecemos, nomeadamente: o segundo mais baixo índice de desenvolvimento humano, só atrás do

Níger, pobreza extrema, elevados índices de insegurança, malnutrição, entre outros males (World Bank, 2019).

A significativa apetência pelo poder político, bem como o desejo de satisfação de interesses pessoais, constituem algumas das causas mais relevantes dos confrontos político-militares que por vezes envolve milícias, grupos rebeldes e religiosos, na RCA (International Crisis Group, 2007; Siradag, 2016). De entre as várias ocorrências do início do século XXI, destacam-se o golpe de Estado do ex-Presidente Ange-Felix Patassé, a 15 de maio de 2003, pelo grupo de rebeldes liderado por François Bozizé (designados por *Séléka*, que são originariamente do norte do país e maioritariamente muçulmanos), e o exercício do cargo de Presidente da RCA, até março de 2013, altura em que também é afastado com um golpe de Estado por Michael Djotodia, líder dos *Balaka* (rede de milícias sobretudo cristãs que emergiu em resposta aos *Séléka*). A eleição democrática do presidente Faustin-Archange Touadéra em dezembro de 2015-fevereiro de 2016, indiciou a possibilidade de uma nova era mais pacífica, o que não veio a suceder, estando a maior parte do país sob controlo de forças rebeldes.

A matriz dos acontecimentos da época em análise tem imbricações históricas que remontam aos períodos pré-colonial, colonial e pós-colonial. Em África, os conflitos armados, os golpes de Estado, bem como, as distintas formas de tortura e repressão têm significativas interferências e influência das ex-potências colonizadoras. No caso em concreto, destaca-se a indelével presença de França, com mais de 50 intervenções militares no continente africano no geral, e em particular na RCA (International Crisis Group, 2007; Siradag, 2016). O antigo colonizador aprofundou em 2006 as relações com este país africano, assegurando os seus interesses, concedendo em troca o apoio militar ao governo de Bozizé. Ao mesmo tempo, a RCA tem sido um lugar de exploração por parte de um conjunto vasto de atores internacionais.

Este quadro político da República Centro-Africana, em que mais de metade da população vive de assistência humanitária (UNCHA, 2017), permite inferir que existem consequências significativas que se refletem principalmente nos domínios da saúde, educação, energia e água. África é o segundo continente mais seco, depois da Austrália, e a água doce está distribuída muito desigualmente devido à grande variabilidade de precipitação nas diferentes zonas climáticas. No país, a cobertura de

abastecimento de água e de saneamento básico em 2008 era de 30% e 5%, respetivamente (Djeuga, 2015). Ao mesmo tempo, o crescimento demográfico registado nas últimas décadas não foi acompanhado de um planeamento previamente ordenado (Nguimalet et al, 2005), facto que transforma o território num conjunto de assentamentos informais que vão crescendo.

Uma grande proporção da população africana depende de recursos hídricos subterrâneos para consumo doméstico e para a agricultura. Apesar de a maior parte dos habitantes na RCA usar água diretamente de poços e de rios, inclusivamente para beber, a sua qualidade é muito deficiente (Kamba, Sangija & Wei, 2016), e manifesta-se nos indicadores da esperança média de vida, que pouco ultrapassa os 50 anos, e sobretudo na mortalidade infantil, que ronda os 10%. A importância da água como recurso estratégico, pode desencadear conflitos em países com sistemas políticos deficitários ou sem segurança (Djeuga, 2015). No país há disputas históricas de água entre comunidades agrárias e comunidades pastoris, cujas rotas de gado atravessam o país de este para oeste. Com o falhanço do Estado, grupos rebeldes têm efetuado bloqueios de estradas, e extorquido muitos recursos às comunidades pastoris. Este facto tem levado à crescente militarização destas últimas comunidades, bem como à alteração de rotas bem estabelecidas, provocando mais conflitos com comunidades agrárias. O facto de as comunidades pastoris serem predominantemente muçulmanas inflama ainda mais as tensões religiosas e sectárias. A predominância de milícias e grupos armados, bem como a proliferação de armas de pequeno porte, tem aumentado os confrontos nas comunidades, e, em função disso, registam-se práticas de destruição das valiosas infraestruturas de água, bem como a limitação ao acesso a poços de água e poluição dos mesmos. Portanto, no contexto em análise, a procura pela água converte-se num instrumento de conflito, onde muitas pessoas percorrem cerca de cinco quilómetros ou mais (Wholives, 2020) para poder aceder a este bem essencial. O transporte de água é uma tarefa predominantemente desempenhada por mulheres e crianças, e acabam por ser estas as principais vítimas de violência e estupros por parte de grupos armados, rebeldes e criminosos.

Uma das grandes causas de pobreza em muitas partes de África, que é também uma das mais descuradas, é o acesso a água potável. Neste

caso particular da RCA, a água tornou-se um meio e método de guerra (Djeuga, 2015). A formulação ou o elencar de possíveis soluções para este conflito não é possível numa investigação desta natureza. Vários investigadores apontam para ideias que passam pela integração de grupos armados no sistema de segurança do Estado como estratégia para reduzir, a longo prazo, a violência e aumentar a estabilidade. Em todo o caso, a situação humanitária em 2020 tem vindo a piorar, e, mesmo na capital Bangui, estima-se que cerca de 45% da população esteja em situação de insegurança alimentar.

## Bibliografia

- DJEUGA, I. C. N. (2015). The Janus face of water in Central African Republic (CAR): towards an instrumentation of natural resources in armed conflicts. *Les Cahiers d'Outre-Mer*, 273(4), 577–594. <https://doi.org/10.4000/com.7667>
- INTERNATIONAL CRISIS GROUP. (2007). *Central African Republic priorities for ending poverty and boosting shared prosperity systematic country diagnostic*. Retirado de <https://www.refworld.org/>
- KAMBA, F., Sangija, F., & Wei, S. (2016). Impact of water pollution on human health in the Central African Republic. *Advances in Social Sciences Research Journal*, 3(1), 90–115. <https://doi.org/10.14738/assrj.31.1764>
- NGUIMALET, C.-R., BALIKOUZOU-HINNA, D. A., GOTHARD-BASSEBE, M.-C., & SEMBALLA, S. (2005). Gestion de la qualité de l'eau, conflits et risques dans la ville de Bangui (République centrafricaine). *Geocarrefour*, 80(4), 325–334. <https://doi.org/10.4000/Geocarrefour.1295>.
- SIRADAG, A. (2016). Explaining the conflict in Central African Republic: Causes and Dynamics. *Epiphany: Journal of Transdisciplinary Studies, Faculty of Arts and Social Sciences*, 9(3), 86–103. <http://dx.doi.org/10.21533/epiphany.v9i3.246>.
- UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS (2017) Central African Republic. Retirado de <http://www.unocha.org/car>.
- WEBER, A., & KAIM, M. (2014). *Central African Republic in Crisis*. African Union Mission Needs United Nations Support. SWP Comments, 15 Retirado de [https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/comments/2014C15\\_web\\_kim.pdf](https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/comments/2014C15_web_kim.pdf)

Wholives. (2020). *Water is a basic human need*. Retirado de <https://wholives.org/our-mission/mission/#>

WORLD BANK (2019). *Central African Republic priorities for ending poverty and boosting shared prosperity systematic country diagnostic*. Washington: World Bank. Retirado de <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/32112>